



*Nunca*  
E Seduzas <sup>um</sup>  
ESCOCÊS

MAYA BANKS

*Tradução de Nanci Marcelino*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Welty. Além de partilharmos  
uma verdadeira amizade, sempre foi uma  
excelente companhia.

## Prólogo

**A**paz chegara às Terras Altas. A terra sussurrava suavemente a gratidão por um breve interregno na violência, na revolução e na carnificina. A primavera chegara, trazendo consigo viçosas ervas verdes por entre os afloramentos e os pedregulhos predominantes em todo o terreno.

A neve do inverno desaparecera, perseguida pelo calor de dias mais longos. Tudo estava bem. O Rei Alexander II podia agora concentrar-se noutros assuntos, à exceção de uma só coisa.

Uma coisa muito importante.

Os seus aliados mais poderosos, os dois clãs mais poderosos do seu reino, não se podiam ver à frente.

Os Montgomery e os Armstrong estavam em guerra. Não se tratava de uma simples rixa entre famílias. O rei não tinha tempo, nem vontade, de perder apoiantes tão valiosos em conflitos internos.

Agora que a neve derreteria e que as longas noites haviam chegado ao fim, a batalha recomeçaria. Perder-se-iam membros de ambos os clãs.

E, por isso, o rei concebeu um plano para forçar a paz entre os dois inimigos implacáveis.

Numa manhã, bem cedo, antes de o Sol se ter erguido por completo no horizonte, mandou dois mensageiros, a cavalo, para que cada um entregasse um decreto real ao Laird<sup>1</sup> Armstrong e ao Laird Montgomery.

Só esperava desesperadamente que eles não se matassem um ao outro no casamento.

---

<sup>1</sup> Título hereditário dos proprietários, de classes altas, de terras na Escócia. (N. da T.)



## Capítulo 1

— Isto é uma loucura! — exclamou Bowen Montgomery. — Ele não pode prender-te à filha demente do nosso mais odiado inimigo. Graeme Montgomery olhou fixamente para o irmão, incapaz de formular uma reação para a ira que lhe crescia no peito. O mensageiro do rei partira e cavalgava, neste preciso momento, para lá da fronteira dos Montgomery. Graeme certificara-se disso. Sentia-se profundamente traído pelo seu rei e não queria nenhum representante da coroa nas suas terras nem mais um segundo.

— Ela não passa de uma criança — disse Bowen, indignado. — E ela é... ela é... bem, toda a gente sabe que ela não é normal. Que diabos se pretende que façam com ela, Graeme?

Graeme ergueu a mão, pedindo silêncio, e os seus dedos tremeram, denunciando a sua fúria. Virou-se e afastou-se do irmão a passos largos, precisando da distância e do isolamento para digerir a magnitude do que acabara de lhe ser feito. De ser feito ao seu clã.

O seu rei não acabara de decretar um simples casamento com o intuito de deter as hostilidades entre dois clãs em guerra. Na verdade, ele optara por pôr um fim à hipótese de Graeme passar a liderança aos seus herdeiros.

Porque não os teria.

Tudo acabaria com Graeme.

Sem filhos que se tornassem laird, assumir o papel de líder e ter herdeiros, para que o nome Montgomery perdurasse no futuro, ficaria a cargo de um dos seus irmãos: Bowen ou Teague. O seu clã até poderia decidir que um dos seus irmãos seria uma melhor escolha para laird, simplesmente porque ele teria uma mulher que não poderia assumir o seu papel no clã e ele não poderia ter filhos.

Que trapalhada horrível era aquilo tudo.

Como é que o seu suserano fora capaz de fazer isso? De certeza que tinha noção do futuro a que estava a entregar Graeme.

Entrou na pequena antecâmara ao fundo do corredor estreito, no lado oposto do salão nobre. A divisão estava escura, não tendo as peles ainda sido afastadas das janelas. Optou por mantê-las tapadas e, em vez disso, acendeu uma vela de um dos castiçais do corredor.

O brilho da vela pouco iluminou a sala, mas ele conseguiu chegar à

mesa robusta, à qual o seu pai se sentara muitas noites a escrever apressadamente em livros-mestre com a sua pena. O velho laird fora um homem avaro e minucioso, que registava tudo quanto o clã possuísse de valor.

Contudo, tinha um coração do tamanho de uma montanha e era justo e tratava todos por igual no seu clã. Certificava-se de que todos tinham tudo o que necessitavam. Todos tinham o que vestir e ninguém passava fome, nem que para isso ele próprio tivesse de o fazer.

Graeme sentia saudades dele todos os dias.

Deixou-se cair pesadamente sobre a cadeira de ramos toscos e passou as mãos sobre a madeira envelhecida, quase como se conseguisse sentir a essência do seu pai naquela sala.

Casamento. Com uma Armstrong. Não suportava pensar nisso.

E depois havia Bowen, sempre a tagarelar, a dizer que a rapariga era louca. Graeme nunca prestara muita atenção aos rumores de a rapariga ser amalucada. Era algo que não lhe dizia respeito. Até agora. Toda a gente sabia que a rapariga tinha algo de estranho e que o clã Armstrong cerrara fileiras em torno dela.

Ela até já estivera noiva do desagradável McHugh. O chefe do clã McHugh ambicionava uma aliança com os Armstrong, porque, assim que eles fossem seus aliados, tornar-se-ia uma força a temer. Os Montgomery e os McHugh não morriam de amores uns pelos outros. Os McHugh eram culpados pela morte do pai de Graeme, mas Graeme sabia quem fora o responsável direto. E, por isso, quem mais merecia o seu ódio eram os Armstrong.

Ele não lamentara o facto de o noivado haver sido anulado e de os dois clãs não haverem ficado formalmente unidos pelo casamento. Os Armstrong não se apressavam a formar alianças com clãs vizinhos. Não precisavam de o fazer. Eram uma força suficientemente poderosa para que a sua vitória em batalha fosse garantida, a não ser que muitos outros clãs se juntassem para lhes fazer frente.

Tavis Armstrong era exatamente como o seu pai fora antes dele. Desconfiado no que dizia respeito a tratados e promessas. Não dava oportunidade a ninguém de o trair e não confiava o bem-estar do seu clã a ninguém para além de si próprio.

Se não fossem inimigos tão implacáveis, Graeme quase conseguiria respeitar o vigor com que Tavis exercia o seu poder e o facto de não confiar em ninguém para o apoiar.

Assim que o noivado entre a filha dos Armstrong e o filho dos McHugh fora anulado, nada mais fora dito, à exceção de boatos esporádicos que questionavam o estado de espírito da rapariga. Uma vez que os Armstrong não eram um clã propriamente sociável, e não havia dúvida de que se de-

fendiam uns aos outros, não escapava informação quase nenhuma acerca da filha única.

Não, Graeme não lamentava o facto de o casamento não se haver realizado. Ele sabia que McHugh usaria a sua posição em relação a Armstrong para alimentar a fúria contra os Montgomery. McHugh queria mais terras, mais poder e o domínio de Montgomery era um tormento constante para ele, porque o haviam encurralado no Norte.

E agora ia ficar com uma mulher de quem não sabia praticamente nada ao seu encargo? Já era suficientemente mau não ser lúcida e não ter a capacidade de agir como mulher de alguém, mas ela era uma Armstrong, o que significava que, por mais que fosse a mulher mais perfeita de todas as Terras Altas, Graeme não queria ter nada a ver com ela.

Quando ele se casasse, seria com uma rapariga do seu próprio clã. Jamais se casaria com alguém que trouxesse perigo, ira e discórdia para o seu povo. E não havia dúvida de que Eveline Armstrong faria exatamente isso.

— Graeme?

O suave sussurro veio da entrada e parte da raiva e da tensão que ele estava a sentir desapareceu assim que a sua irmã, Rorie, espreitou para o interior da sala com uma expressão preocupada.

— O que foi, amorzinho? — perguntou ele, gesticulando para que ela entrasse.

Rorie tinha quinze invernos, mas estava muito atrasada em relação à maioria das outras raparigas da idade dela. Enquanto a maior parte delas já havia desenvolvido as suas formas femininas e já tinha seios, Rorie continuava magra e franzina e, se não fossem os belos olhos surpreendentemente verdes e a feminilidade delicada do rosto, podia muito bem passar por um rapaz.

Com três irmãos mais velhos, pensar-se-ia que ela seria capaz de enfrentar praticamente de tudo, no entanto, era extremamente tímida, mais sossegada do que qualquer outra rapariga que ele conhecia. Exceto quando estava perto dele e dos seus irmãos. Com eles, era mandona, exigente e endiabrada. Geralmente evitava o resto do clã e preferia fazer o que queria.

— O que o Bowen disse é verdade?

Agora estava a apenas alguns centímetros de distância, à frente da mesa a que ele estava sentado com as mãos ainda cerradas sob a forma de punhos, pousadas sobre a superfície de madeira.

— Vais casar-te com uma Armstrong?

Ele examinou o rosto dela em busca de uma expressão de medo, porque faria qualquer coisa para mitigar as preocupações dela. Perder o pai de ambos fora especialmente difícil para Rorie, porque ela fora o tesouro

do seu pai. Mais do que qualquer um deles, ela considerava os Armstrong monstros.

Mas tudo o que ele viu naqueles olhos expressivos foi um olhar inquieto e preocupado.

— Foi o que o rei decretou.

Ela franziu o sobrolho.

— Mas porquê? Porque faria ele uma coisa dessas?

— Não te cabe a ti questionares as ordens que ele dá — retorquiu Graeme sem qualquer veemência. Não podia repreendê-la por tamanha falta de respeito, se ele próprio questionava tudo aquilo.

— Eles mataram o papá — disse ela enfaticamente. — Como é que alguma vez poderá haver paz entre nós? Como é que o rei pôde pensar que ao forçar um casamento entre ti e uma deles resolveria alguma coisa?

— Chhh — disse ele delicadamente. — Basta, Rorie. Fomos intimados a irmos até aos Armstrong e é lá que iremos.

O olhar de horror dela foi instantâneo.

— Ir lá? Às terras deles? Onde eles podem matar-nos a todos? Porque não vêm eles cá? Porque temos de ser nós a sacrificar tudo? Eles fizeram alguma coisa para caírem nas boas graças do rei?

Graeme sorriu por um instante, achando piada à declaração dela.

— Não é muito provável que eles achem que ter de me entregar a filha deles para se casar comigo seja o resultado de terem caído nas boas graças dele. Devem gostar tanto disto quanto nós.

— Há quem diga que ela é louca — afirmou Rorie.

Graeme suspirou.

— Acho que descobriremos isso no casamento, não é?

Nesse preciso momento ouviu-se o brado de Teague ao fundo do corredor.

— Graeme! Pelas barbas do Senhor, onde estás tu?

Graeme voltou a suspirar. Rorie dispensou um pequeno sorriso e virou-se assim que Teague irrompeu pela porta adentro, com o corpo ensoado em suor e sangue.

— Diz-me que não é verdade — disse Teague bruscamente.

— Saíste do treino para perguntar se o que o Bowen te disse é verdade? — perguntou Graeme. — Estás a sugerir que ele te mentiria e que tu devias abandonar os teus deveres para me questionares quanto a uma coisa dessas?

Teague ficou com um semblante carregado e ia começar a dizer alguma coisa, mas parou assim que se apercebeu, só nessa altura, da presença de Rorie. Cerrou os lábios, baixando depois o olhar para o sangue que o cobria.



Rorie era... bem, ela era diferente. Para a maioria das mulheres do seu clã, o sangue, a violência, a batalha... Tudo aquilo era uma forma de vida. Tão normal quanto comer e dormir. Mas Rorie era sensível em relação a esse tipo de coisas. Ver sangue deixava-a pálida e ela detestava ouvir quaisquer sons de dor ou violência.

— Que infernos, Graeme, por uma única vez deixa de ser o laird e diz-me só se é verdade para que possa sair da frente da Rorie antes que a perturbe ainda mais.

— Ela já está perturbada — observou Graeme. — Obviamente pelo mesmo motivo pelo qual vieste pelo corredor, que nem um furacão, a berrear o meu nome.

Teague ficou num silêncio de morte. Tinha o corpo tenso e o queixo espetado.

— Então é verdade.

— Sim, é verdade.

Teague conteve um palavrão antes de sair tempestuosamente da sala, batendo com os pés pesadamente ao longo de todo o corredor.

— Bem — disse Rorie suavemente. — Correu muito bem, não correu?



## Capítulo 2

O urro de Tavis Armstrong fez-se ouvir por toda a torre de menagem e perfeitamente no pátio, onde os seus homens estavam a treinar. Muitos destes deixaram cair as espadas, ao passo que outros pegaram rapidamente nas suas num ato de defesa, cautelosos quanto ao perigo que surgira.

Eveline não ouviu o pai, mas sentiu as vibrações transmitidas pela pedra do chão e percebeu que algo não estava bem no salão nobre. Demasiado movimento. Demasiada potência. Foi como se, subitamente, um rebanho tivesse irrompido violentamente pela torre de menagem.

De expressão inalterada, espreitou para lá da esquina das escadas, com a curiosidade aguçada por o que quer que tivesse deixado a torre de menagem em tamanho alvoroço.

O seu pai estava de pé, com o rosto ruborizado de raiva e segurando uma carta amarrotada firmemente com o punho. Ao lado dele estavam os dois irmãos dela, Brodie e Aiden, de braços cruzados sobre os respetivos peitos, mas, mesmo ao longe, Eveline conseguiu perceber que estavam ambos dominados pela mesma fúria demonstrada pelo seu pai.

O olhar dela passou para o homem que estava à frente do laird, um homem que parecia desejoso de estar em qualquer outro sítio que não aquele. O portador óbvio de quaisquer que fossem as más novas que haviam sido transmitidas pela missiva que o seu pai tinha na mão.

Inclinou a cabeça para o lado enquanto o analisava. Era o homem do rei. Trazia o brasão real e tinha um anel de rubi na mão direita que denotava o seu estatuto de mensageiro do rei.

Ficou extremamente desgostosa por o seu pai estar num ângulo em que ela não conseguia ver-lhe os lábios, mas conseguiu ver, prontamente, a boca do mensageiro... quando esta, finalmente, se fechou.

Quando o mensageiro voltou a abri-la para falar, Eveline concentrou-se ao máximo, determinada a ver o que ele iria dizer ao seu pai.

— Que a vontade de sua majestade, o rei, seja feita. Ele decretou que o casamento fosse realizado dentro de quinze dias. Têm até lá para preparar tudo. O casamento será realizado aqui e o rei enviará um representante para verificar que tudo corre como deve ser.

Casamento? Eveline espreitou-se ao ouvir aquilo. De certeza que não

fora um casamento que deixara o seu pai tão perturbado. E de quem seria o casamento? O rei ia enviar um representante? Tudo aquilo parecia tremendamente importante e excitante. Certamente que lhe possibilitaria observar pessoas novas e interessantes.

Mas depois, a sua mãe, que, obviamente, estivera a ouvir tudo às escondidas, entrou na sala de repente e Eveline estremeceu perante a ousadia dela. O seu pai repreendia a sua mãe constantemente por ela se meter em situações que não lhe diziam respeito. Não que adiantasse de muito e o seu pai nem costumava ficar verdadeiramente zangado com ela durante muito tempo, mas isto era diferente. Este era o representante do rei e uma ofensa a ele era uma ofensa ao rei.

— Tavis, não podes permitir uma coisa destas!

Eveline mal conseguiu entender as palavras ao passarem pelos lábios da sua mãe. O rosto dela estava banhado em lágrimas. Tudo por causa de um casamento? Eveline franziu o sobrolho. Nada daquilo fazia sentido.

Tavis colocou uma mão restritiva sobre o braço da mulher e depois virou-se o suficiente para que Eveline conseguisse vê-lo dizer furiosamente por entre dentes ao seu irmão Aiden:

— Leva a tua mãe daqui para fora!

Robina Armstrong abanou a cabeça ferozmente, resistindo à força de Aiden.

— Isto é uma loucura. Ele não pode atirá-la aos lobos dessa maneira. Não está certo! Ela não é capaz de cumprir os deveres de casada. Isso é um ultraje, Tavis. Não podemos permitir que isto aconteça.

Eveline notou uma sensação inquietante a percorrer-lhe a espinha. Estava a começar a pressentir algo muito mau quanto ao que deixara a sua família em tamanho alvoroço. Casamento? A sua mãe lavada em lágrimas? Incapaz de cumprir os deveres do casamento? Atirada aos lobos? Quem eram os lobos?

O mensageiro do rei ficou com um semblante carregado, obviamente por não estar a gostar do ambiente hostil a que viera parar.

— O rei decretou que assim fosse. Graeme Montgomery e Eveline Armstrong casar-se-ão.

Eveline tapou a boca com uma mão, mesmo apesar de não dizer uma única palavra há bem mais de três anos. A reação foi automática, para silenciar o grito mudo que se formou, qual onda, na sua própria alma.

Virou-se bruscamente, não querendo presenciar mais nada. Fugiu para fora da torre de menagem, quase tropeçando nos degraus de pedra devido à sua pressa. Pegando nas suas saias com força, correu pelo terreno desnivelado por trás da torre de menagem e dirigiu-se para o pequeno bosque, cujas árvores delineavam um riacho que abastecia um lago ali perto.

Instintivamente, procurou o enorme pedregulho que se projetava sobre a água. Naquela zona, o riacho corria mais depressa, transbordando por cima de pedras e rochas maiores. Imaginou o som, retendo-o como se fosse uma recordação efémera. A última vez que ouvira alguma coisa fora há já tanto tempo que as memórias sonoras já se estavam a desvanecer.

Ela lamentava essa perda. Antigamente conseguia ficar sentada na sua rocha e lembrar-se dos sons gorgolejantes e da água a correr e da paz que estes lhe transmitiam. Com o passar do tempo, esses sons ilusórios foram desvanecendo. Sentia-se constantemente a cair cada vez mais para um vazio.

Dobrando os joelhos para cima de modo a poder pousar o queixo nelas, fechou os olhos, mas depois voltou a abri-los rapidamente. Um mundo sem som e sem visão assustava-a.

Casada.

Um noivado fora o que forjara a mentira que ela mantivera nos últimos três anos. Ela fora vítima de uma tragédia, mas esta também a salvara de um casamento não desejado, um casamento que o pai dela estivera determinado a fazer com que fosse realizado.

Como é que era possível? Sentiu um aperto de pânico na garganta perante a ideia de ter de deixar o seu santuário. Aqui, ela era amada. Estimada. Ninguém lhe queria mal, ou, pelo menos, ninguém ousava proferir tal opinião em voz alta. O pai dela trespassaria com a própria espada aquele que falasse depreciativamente sobre a sua única filha.

Mas ela sabia o que as pessoas diziam nas costas dela. Algumas diziam coisas nada agradáveis. Ou melhor, não o diziam nas costas dela, mas mesmo à sua vista. Doida. Louca. Amalucada. Pobre rapariga. Nunca serviria de nada a ninguém.

Estavam todas enganadas, mas ela não as corrigiria. Fazê-lo era demasiado perigoso.

Fora prometida a Ian McHugh. Era um casamento altamente desejado pelo pai de Ian, chefe do clã, e um par que o pai dela finalmente aprovara. O pai tinha muito cuidado com as alianças que estabelecia e Patrick McHugh era uma das poucas pessoas em quem ele parecia confiar. Os dois homens até podiam ser considerados amigos. Era mais do que natural que se arranjasse um casamento entre a única filha de Tavis e o herdeiro dos McHugh.

No entanto, Ian não era o homem encantador que parecia ser. Por fora, era perfeito. O epítome de um cavalheiro. Ele conquistara a mãe dela e havia, de facto, obtido a bênção dos irmãos superprotetores de Eveline.

Contudo, sob aquela fachada, existia um homem que enchia o coração de Eveline de terror. Ele atormentara-a com promessas de como o casa-

mento seria para ele e depois rira-se quando ela jurara contar tudo ao pai dela. Ele dissera-lhe que jamais alguém acreditaria nas calúnias que ela contasse acerca da sua pessoa. Ela não acreditara nele até ir falar com o pai, tal como ameaçara fazer.

O pai não fora cruel, mas também atribuía as suas acusações aos medos próprios de uma rapariga. Ele prometera-lhe que tudo correria bem e que Ian seria um bom marido para ela. E, para além disso, dissera-lhe que Ian era um homem justo e honrado.

Pior ainda, Ian fizera-lhe a corte, abertamente, à frente da família dela. Visitava-a com frequência, fazendo gestos de grande devoção. Desempenhou o papel dele na perfeição. Conseguiu ficar com todo o clã dela a comer-lhe na mão. Só em privado é que Eveline via a personificação de um mal esmagador.

Eveline suspirou e baixou a cabeça até aos joelhos, permitindo que as suas saias ondeassem sobre as suas pernas. Segredos. Tantos segredos. Tantas mentiras.

Ela adorara andar a cavalo, mas nunca lhe permitiam que o fizesse sozinha — a ameaça dos Montgomery estava sempre presente e o pai temia o que poderia acontecer se a sua filha caísse nas mãos dos seus inimigos mortais.

Numa manhã, ela fora aos estábulos, colocara a sela no seu próprio cavalo e saíra. No entanto, não se tratava de um simples passeio a cavalo. Ela planeava fugir. Uma decisão imprudente e impetuosa que a assombrava até agora.

Ela nem sabia se teria ido em frente com isso, se tivesse tido coragem para atravessar as fronteiras das terras dos Armstrong. No fim de contas, como é que uma jovem, sozinha e sem qualquer proteção da família sobreviveria?

Esse simples gesto de desespero custara-lhe mais do que ela alguma vez conseguiria imaginar. Conduzira o seu cavalo por um caminho por que haviam passado muitas vezes, ao longo de uma ravina íngreme, onde um rio esculpia a sua trajetória, formando um pequeno desfiladeiro. Quando o cavalo tropeçara, ela fora atirada de cima dele e caíra pela ravina abaixo.

Não tinha qualquer memória do que acontecera a seguir, apenas de se sentir assustada e sozinha, com uma dor de cabeça horrível. E do frio. O frio paralisador de ossos e o passar do tempo.

Acordara no quarto dela num mundo de silêncio. Não percebera, não soubera como dar a conhecer o seu padecimento. Tinha a garganta inchada e teve uma febre durante muitos dias. Mesmo que quisesse falar, o mero esforço para o fazer causava-lhe demasiada dor e, por isso, permaneceu silenciosa, perplexa com a quietude que a rodeava.

Mais tarde, fora-lhe dado a entender que estivera perto da morte durante mais de uma quinzena. A curandeira reparara que ela tinha um inchaço na cabeça e receara que a febre fora tal que lhe provocara danos na mente. Eveline acreditara nela, talvez no início.

Depois disso, houve alturas em que Eveline pensava que a sua perda de audição era um castigo pela decisão funesta que tomara contra o pai. Levara imenso tempo a adaptar-se e tinha demasiada vergonha de contar a verdade aos seus pais. Eles haviam olhado para ela com tamanha decepção e assolação no olhar e talvez ela tivesse arranjado coragem para lhes contar tudo e para lhes explicar que já não conseguia ouvir, mas, logo depois, os McHugh haviam procurado o pai dela, exigindo saber o estado em que estava Eveline.

Incapaz de ter a certeza que Eveline estava de boa saúde e vigorosa, Ian rapidamente acabou com o noivado, e quem poderia censurá-lo? Nem mesmo o seu pai implicaria com um homem que não quisesse para sua mulher alguém cuja capacidade mental tivesse sido posta em causa.

Ela não quisera admitir haver perdido a audição, porque esperara secretamente que fosse possível recuperá-la milagrosamente. Acordaria um dia e tudo estaria bem outra vez.

Era uma ideia ridícula, mas agarrara-se a essa esperança até se lhe ter tornado claro que a sua loucura aparente era a sua salvação.

E assim começou a mentira. Não uma mentira de prolação, mas de omissão. Deixou que a sua família, o seu clã, acreditassem que ela enlouquecera devido ao acidente, porque isso a protegia contra a possibilidade de ter de se casar com um homem que desprezava e temia.

E não era uma mentira que ela pudesse retificar mais tarde, porque, enquanto Ian permanecesse solteiro, havia a possibilidade de se descobrir que o único defeito dela era a surdez e ele poderia facilmente requerer que o noivado fosse restabelecido.

Era um engano que crescia e ganhava vida própria e, quanto mais durava, mais de mãos atadas se sentia para o retificar.

Só que agora tudo isso fora em vão, porque ela trocara um casamento com o filho do demónio pelo próprio demónio e, desta vez, ela estava totalmente impotente para impedir que isso acontecesse.

Estremeceu, voltou a pressionar a testa contra os joelhos e abanou-se para trás e para a frente.

Graeme Montgomery.

Bastava o nome dele para a encher de medo.

A rixa entre o clã dele e o dela já existia há cinco décadas. Eveline não conseguia sequer lembrar-se do que dera início a todo aquele desacordo

sanguinário, mas sangrento, de facto, sempre o fora. O pai de Graeme tinha sido morto pelo avô dela, algo que Graeme jamais perdoaria.

Os Montgomery viviam para hostilizar, roubar, armar emboscadas ou derramar o sangue de qualquer Armstrong vivo. O pai e os irmãos dela não eram muito diferentes. Eles trespassariam um Montgomery com uma espada pelo simples pecado de respirar.

Para ela, nada disto fazia sentido, mas, de qualquer forma, esperava-se que ela fosse uma pequena flor delicada de mulher sem qualquer capacidade de entender tais assuntos, mesmo quando ainda a consideravam no seu juízo perfeito.

Esfregou a testa distraidamente, sentindo a aproximação de uma das suas dores de cabeça habituais. Estas começavam sempre na parte de baixo do seu crânio, evoluindo depois até à parte de trás das orelhas e exercendo tanta pressão até ela ter vontade de gritar com tanta dor.

Mas ela não conseguia pronunciar nada. Não tinha qualquer forma de medir o quão alto ou baixo falava. Ela não queria que ninguém soubesse da sua incapacidade de ouvir. E, por isso, permanecia firmemente sepultada pelo silêncio.

Ela sentiu, mais do que ouviu, alguém a aproximar-se. Desde que perdera a audição, os seus outros sentidos haviam-se intensificado. Era algo que a deixava perplexa, mas descobriu que, sobretudo, conseguia sentir as coisas de uma forma muito mais intensa. Quase como se detetasse as mais leves vibrações no ar.

Virou-se e viu Brodie a aproximar-se, com uma expressão severa que rapidamente se desanuviou assim que a viu sentada na rocha dela.

Se realmente tivesse de se casar com o chefe dos Montgomery, seria Brodie de quem ela mais sentiria saudades. Ela mal conseguia respirar, tal era a vontade que tinha de chorar, e sentia um aperto incontrolável na garganta.

Ele disse algo ao aproximar-se, mas ela não percebeu, porque a boca dele ficara tapada por um ramo. Ao ver que ela continuava de olhar fixo nele, ele representou a libertação de um suspiro e depois sentou-se ao lado dela na rocha, tal como fizera tantas outras vezes.

Brodie sabia sempre onde encontrá-la. Conhecia todos os seus esconderijos secretos. Não havia nenhum sítio para onde ela pudesse ir que ele já não conhecesse.

Ele alcançou a mão dela, engolindo-a com a sua mão muito maior, e apertou-a com força. Os lábios dele começaram a mover-se outra vez e ela esticou-se para a frente, de modo a poder ver o que ele estava a dizer.

— Precisam de ti na torre de menagem, pitita.

Ela adorava que ele a tratasse daquela forma e nem sequer sabia por-



quê. Era um termo carinhoso, quase sempre dito acompanhado por um sorriso complacente. Mas nesse momento não houve qualquer sorriso. Apenas uma profunda desolação nos olhos dele e traços de preocupação gravados na sua testa.

Sem querer deixá-lo ainda mais perturbado, ela pousou a sua outra mão sobre a dele e esperou que ele se levantasse e a puxasse para junto dele. Era melhor ela agir como se não soubesse de nada. Talvez ela pudesse fingir-se de tola acerca de tudo aquilo. Se o rei soubesse o quão desajustada ela era para o casamento, de certeza que não aprovaria tal coisa.

Aquela ideia animou-a consideravelmente enquanto caminhava ao lado do irmão, de volta para a torre de menagem. O pai dela sempre dissera que o rei era um governante correto e justo. Que trouxera a paz para as Terras Altas ao assinar um tratado com Inglaterra.

Se o seu representante estivesse presente no acontecimento, de certeza que, depois de a ver, poria fim ao casamento e informaria o rei quanto à inaptidão dela para desempenhar o papel que lhe estaria a ser atribuído.



## Capítulo 3

**E**veline tentou manter-se calma à medida que Brodie a conduzia para o interior do salão nobre, apesar de o bater violento do coração contra o seu peito lhe dificultar a tarefa.

O pai dela estava a andar de um lado para o outro à frente da lareira e o outro irmão de Eveline, Aiden, estava esparramado numa cadeira junto à enorme mesa de madeira, com raiva a arder no olhar enquanto batia com o pé no chão, num *staccato* pronunciado.

Eveline concentrou a sua atenção na mãe e no pai, desejando desesperadamente saber o que eles estavam a dizer. Libertou-se da mão de Brodie e posicionou-se de modo a conseguir ver melhor.

— Tavis, não podes permitir que isto aconteça!

O pai de Eveline agarrou nos ombros da mãe, segurando-os com firmeza, e encarou-a fixamente com um olhar atormentado e zangado.

— O rei ordenou, Robina. Não posso opor-me a ele.

Robina libertou-se com um safanão, virando-se mais na direção de Eveline, que viu os seus olhos vermelhos e inchados e as ondas de angústia que irradiavam dela. Depois, o olhar de Robina encontrou-se com o de Eveline e a sua expressão tornou-se ainda mais destroçada.

Correu para ela, colocando-lhe um braço à volta dos ombros, abraçou-a com força e depois empurrou-a para a frente. Eveline conseguia sentir a mãe a tremer contra ela e teve de se esforçar ainda mais para manter uma compostura calma ao se aproximarem do seu pai.

Tavis levantou a mão e esta tremeu consideravelmente assim que a pousou delicadamente sobre a face de Eveline. Incapaz de suportar a dor no olhar dele, Eveline virou o rosto para a palma da mão dele e esfregou-o nela.

— Minha pequenina. Meu bem mais precioso. O nosso rei virou-se contra nós.

Deixou cair a mão e pousou-a na parte de trás do seu pescoço, virando-se depois de costas. Eveline franziu o sobrolho, não querendo perder nada do que ele pudesse estar a dizer.

— Tens de lhe implorar, Tavis — disse Robina, tocando no braço do marido para que ele se virasse. — Talvez ele não saiba do estado da Eveline.

Tavis voltou a virar-se, de sobranceiras unidas, fazendo Eveline lem-

brar-se de uma tempestade primaveril devido ao negrume do seu semblante carregado.

— Como é que ele poderia não saber? Ele esteve aqui apenas alguns meses depois de a Eveline ter sido atacada pela doença. Ele viu que ela estava... diferente. E demonstrou compaixão por ela nunca mais ter a possibilidade de arranjar um casamento vantajoso ou de ter filhos próprios. E agora quer mandá-la para o nosso pior inimigo, como um bode expiatório com a intenção de forçar a paz entre nós?

Eveline sentiu o sangue a fugir-lhe das faces e esperou que a sua mãe não reparasse na forma como estremeceu perante as palavras do pai.

— Olha para ela, Robina. Ela nem sequer entende — disse Tavis, erguendo a mão com um movimento incisivo na direção de Eveline.

— Não te atrevas a dizer mal dela — disse Robina, com uma expressão tão feroz que Eveline percebeu que ela devia ter proferido aquelas palavras com o mesmo grau de ferocidade. — Ela é uma doce e boa rapariga. Não é doida. Ela costura maravilhosamente e compreende as coisas básicas. Ela é prestável para com os outros membros do clã e tem sempre um sorriso para todos. Aquele monstro vai destruí-la.

— Não estou a desdenhar dela — berrou Tavis. E, desta vez, Eveline percebeu que ele havia berrado, não só porque conseguiu sentir as vibrações, mas também porque havia alguns sons, não muitos, que ela conseguia realmente ouvir.

Vozes com um timbre grave. Nada estridente ou agudo. Nada normal ou monocórdico. Mas, de vez em quando, experienciava uma audição fugaz.

— Eu amo-a tanto quanto tu, Robina. Achas que quero entregar a minha filha em casamento ao meu pior inimigo?

A mãe recuou um passo e levou o punho cerrado à boca. O pai avançou na sua direção, com o rosto roxo de raiva.

— Não tenho outra hipótese. Opor-me ao meu rei é assinar a ordem de execução da sentença de morte de todos nós. Seremos rotulados de foragidos e teremos mercenários com vontade de receber um prémio atrás das nossas cabeças.

— Deus nos guarde e salve a todos — disse Robina, ficando com o rosto enrugado e o olhar tão devastado que Eveline teve dificuldade em olhar para ela.

Os irmãos permaneceram calados. Talvez não tivessem qualquer opinião ou, mais provavelmente, talvez tivessem relutância em meter-se entre os pais estando as emoções tão exaltadas.

Mas Eveline não podia permitir que se afligissem daquela maneira. Se ela estava destinada a ser o sacrifício simbólico para travar as hostilidades

entre os clãs, então o seu destino estava traçado e não havia muito a fazer. Ela não queria que a sua família sofresse tanto.

Deu um passo em frente e fez deslizar a mão para dentro da do seu pai. Ele pestanejou de surpresa e fez um esforço evidente para acalmar as suas emoções ao baixar o olhar para o rosto sério dela.

Depois ela sorriu e esticou-se para depositar um beijo na face dele, dando-lhe umas palmadinhas no ombro, como se pretendesse dizer-lhe que estava tudo bem.

Toda a expressão do rosto dele se suavizou, contudo, a tristeza nos olhos aumentou. Subitamente, pareceu muito mais velho, a sua pele pareceu mais pálida e os seus ombros curvaram-se de uma forma que ela nunca vira no seu pai guerreiro.

Ele pousou a mão na nuca dela e puxou-a para si para lhe dar um beijo na testa. Ela conseguiu senti-lo a falar contra a sua pele, mas não quis afastar-se de repente para poder ver o que ele estava a dizer.

Quando, finalmente, ele se afastou, os lábios estavam a mover-se e ela esforçou-se para recuperar o que perdera.

— ...doce rapariga. Sempre foste. Tu és o meu coração, Eveline, e raios partam o rei por levar o meu coraçãozinho para longe de mim.

Ela virou-se para a mãe, mas antes de conseguir beijá-la na face como fizera ao pai, Robina arrebatou-a para os seus braços, abraçando-a ferozmente.

A mãe estava arrasada e Eveline não sabia o que fazer para a consolar. Como poderia consolá-la, se ela própria ainda estava em estado de choque?

Nunca pensara que ainda se casaria ou que esperassem que ela agisse como qualquer outra mulher normal. Na realidade, escondera-se por trás da sua surdez, usando-a qual escudo. Uma mentira. Engano.

Ah, aquelas palavras eram horríveis e faziam-na sentir-se terrivelmente culpada. Teve vontade de fechar os olhos para não poder ler mais nada nos lábios de mais ninguém.

Eveline sentiu um abalo no chão sob os seus pés e virou-se antes de todos os outros para ver quem apareceria na entrada do salão nobre.

— Uma mensagem, Laird — disse Niall ao entrar a passos largos.

Trazia uma expressão veemente e a sua linguagem corporal bradava que se tratava de algo importante. Na mão tinha um rolo de pergaminho, mas Eveline não conseguiu ver o selo para saber de quem poderia ser. Seria outra mensagem do rei?

— É do Laird Montgomery. — Niall fez um esgar de aversão ao proferir as palavras. — Não deixei entrar o representante dele e, em vez disso, eu próprio vim entregar-vos a mensagem dele.

Aiden levantou-se, com os lábios distorcidos pela irritação ao colo-

car-se ao lado do pai. Brodie aproximou-se da mãe e de Eveline, como se tentasse protegê-las do que quer que fosse revelado pela missiva.

Tavis quebrou o lacre, puxou o rolo de pergaminho para baixo e percorreu o conteúdo deste atentamente, ficando com o semblante cada vez mais carregado à medida que o seu olhar ia descendo.

Por fim, ergueu a cabeça, com os olhos a brilhar enquanto voltava a enrolar a mensagem cuidadosamente.

— O Graeme Montgomery mandou dizer que virá buscar a noiva dele conforme as ordens dadas pelo rei.

A reação dos irmãos dela foi imediata. Brodie avançou e o olhar dela passou bruscamente para ele assim que começou a falar.

— Isto é uma farsa! O rei só pode estar a brincar. De certeza que não é assim tão perverso ao ponto de atirar um cordeiro para o meio de lobos.

— Os Montgomery? Nas nossas terras? — perguntou Aiden, com uma expressão claramente horrorizada. — Isso é algo que jamais acontecerá, a não ser que a terra seja banhada em sangue.

Já doía o pescoço a Eveline de o virar para trás e para a frente, de pessoa em pessoa, para se manter a par da conversa, perdendo, porém, muita coisa. Estava toda a gente a falar ao mesmo tempo. Ela só compreendia fragmentos, sendo a maior parte deles exclamações, juras e especulação quanto ao porquê de o rei fazer uma coisa tão ignóbil.

Ela nunca vira Graeme Montgomery. Verdade absoluta: ela nunca vira absolutamente nenhum Montgomery. Era difícil não imaginar um homem já velho e barrigudo com um nariz abatado e feições horrendas. Nunca se preocupara com nenhuma conversa que tivesse a ver com o clã Montgomery, porque simplesmente não tinha qualquer interesse neles. Ela sabia que eles eram os piores inimigos do clã dela e que o seu pai morreria antes de permitir que um Montgomery entrasse na sua propriedade.

O pai e os irmãos dela eram guerreiros inigualáveis em termos de perícia e força. Ela era uma gabarola por pensar isso, mas ainda não vira nada que fizesse mudar a opinião tendenciosa que tinha acerca do seu povo.

Por isso, sempre se sentira segura de qualquer ameaça exterior, porque os Armstrong protegiam as suas fronteiras zelosamente, não permitindo a entrada a ninguém, a não ser que fosse dada autorização para tal.

Uma vez, há muito tempo, houvera uma invasão deste tipo. Os Montgomery haviam atacado subitamente e muitos Armstrong haviam pago com as suas próprias vidas. Incluindo a avó de Eveline. O avô dela, que nessa altura era o laird, sofrera imenso e morreu a vingar a morte da sua mulher. Ele matara o Laird Montgomery, mas fora abatido por outro dos guerreiros dos Montgomery.

Tantas mortes e Eveline não fazia ideia do que dera início a tudo aquilo. Apenas ouvira fragmentos da história ao longo dos anos. Devia ter prestado mais atenção quando ainda conseguia ouvir, mas, para ela, os Montgomery eram monstros da escuridão. Eram praticamente uma besta ficcional sobre a qual cantavam bardos. Certo era que eles nunca haviam sido uma ameaça durante toda a sua vida.

E agora, ela seria entregue no seio deles. Enviada para longe da segurança do clã e da sua querida família. Casada. Era esperada como mulher de um homem que considerava um mito.

Antes de conseguir controlar-se, quase estremeceu. Não queria perturbar a mãe ao deixar transparecer o medo que sentia.

Virando-se, saiu uma vez mais do salão nobre, sem sequer se preocupar em ver se deveria ficar. Costumava fazer coisas daquele gênero com frequência, saindo abruptamente e por capricho. Já ninguém parecia ligar a isso e, se outrora fora considerado algo estranho, atualmente era um comportamento que aceitavam.

Ela precisava, simplesmente, de se desembaraçar de toda aquela agitação na sua vida. Como é que ela enfrentaria alguém fora do seu próprio clã? O clã dela amava-a, mesmo apesar de algumas pessoas desconfiarem do sofrimento dela. Havia quem murmurasse rezas quando ela se cruzava com elas. Estariam preocupadas com a possibilidade de ela poder contagiar facilmente outras pessoas com a sua loucura? Que, caso lhe tocassem, também elas ficassem doentes?

O lado maldoso dela tinha vontade de se esticar e de lhes tocar, só para ver se elas reagiriam como se se tivessem queimado. Ou se correriam, aos gritos, no sentido oposto, em busca de um padre.

Mas depois sentia-se imediatamente mal, porque essas pessoas continuavam a pertencer ao clã dela e não tinham culpa de ela ser diferente. Elas não percebiam e Eveline não fizera nada para mudar a opinião delas. E a maioria era muito simpática para ela. Muitas desviavam-se dos seus caminhos para fazerem coisas que achavam que a deixariam feliz.

E ela era feliz ali. Fora preciso muito tempo até ela conseguir entender a confusão que tinha sido o acidente que sofrera e a sua doença subsequente. Ela não compreendera porque é que a sua audição lhe fora tirada, mas aprendera a não questionar a vontade de Deus.

Agora ela tinha o seu lugar. Aprendera a entender a maior parte do que as pessoas diziam, olhando para as suas bocas. Gostava de ter coragem para falar, mas, sem ter forma de saber como soava, ou se conseguiria sequer formar as palavras depois de tanto tempo sem falar, permaneceu em silêncio, trancada no seu mundo sem ruído, apenas com a lembrança de certos sons que ecoavam na sua mente.

Contudo, deixaria de ter o seu lugar ali. No seu clã. Entre o seu povo e as pessoas que a amavam e aceitavam.

Em vez disso, seria enviada para um clã inimigo.

Um arrepio desceu furtivamente pela sua espinha. O que é que eles pensariam dela? Seriam cruéis? Detestá-la-iam só por ela ser uma Armstrong? Desprezará-la-iam por causa da sua imperfeição?

Atormentá-la-iam, chamando-a de louca e doida?

Chegariam mais longe ainda e far-lhe-iam mal por pensarem que ela estava possuída por espíritos malignos?

Ia a entrelaçar os dedos uns nos outros enquanto se apressava a voltar para a sua rocha. O facto de Brodie saber exatamente onde a encontrar não importava. Era o único sítio para onde se lembrava de ir sempre que precisava de estar em paz e sossego.

Ao olhar fixamente para a água a correr, apercebeu-se de que nunca mais teria aquele refúgio. Nunca mais poderia ir e vir conforme lhe apetecesse e sentar-se na sua rocha durante horas a absorver a serenidade daquele ambiente.

Não, casar-se-ia no seio do clã Montgomery. Tornar-se-ia precisamente naquilo que aprendera a odiar. E, enquanto o seu pai permitia que ela fizesse o que queria, o seu marido podia não ser tão compreensivo.



## Capítulo 4

A torre de menagem estivera num turbilhão constante durante dias. No oitavo dia após a entrega da mensagem do rei, chegou o Conde de Dunbar para, como representante do rei, testemunhar o casamento que forçaria a paz entre os dois clãs em conflito.

Tavis cumprimentou o conde e, assim que levaram o cavalo do conde, os dois homens entraram na torre de menagem, dirigindo-se a passos largos até à mesa posta com comida e cerveja ao fundo do salão nobre.

— Alexander pede desculpa por não conseguir vir ao casamento — disse o conde, depois de bebericar de uma das taças adornadas com joias.

Viu-se um brilho nos olhos do conde que disse a Tavis que o rei nunca tivera a intenção de comparecer no casamento que ele próprio ordenara. E, estando ele ausente, não haveria ninguém a quem Tavis pudesse requerer que se pusesse um fim a toda aquela trapalhada.

Dunbar caíra nas boas graças de Alexander e, na realidade, era o conde da mais alta categoria sob o domínio do rei. Ele e Alexander eram aliados e amigos fiéis e o facto de o rei haver enviado o seu conde mais poderoso para assistir ao casamento deu a entender a Tavis que este acontecimento era da maior importância para o soberano de ambos.

— Ele não sabe o que faz — disse Tavis por entre dentes.

Dunbar ergueu uma sobrancelha, engoliu um longo trago de cerveja e dirigiu um olhar atento a Tavis enquanto se recostava, ficando esparrramado na cadeira. Apresentou um ar indolente e arrogante ao fitar Tavis de cima a baixo, como se estivesse a tentar intimidá-lo. Tavis não sobreviviera como chefe de uma das maiores fortalezas da Escócia fugindo dos desafios.

Olhou o conde firmemente nos olhos.

O conde suspirou e pousou a taça ruidosamente.

— Se vos serve de algum consolo, Tavis, eu disse a Alexander que ele estava doido. Sei muito bem o que aconteceu à vossa filha e tenho compaixão por vós e por ela. Ela não está apta para o casamento mas, infelizmente, só tendes uma filha e Alexander meteu na cabeça que a única maneira de forçar a paz entre os seus dois clãs mais poderosos é entregando a vossa filha ao vosso inimigo. Ele acha que, se ela estiver casada com o Laird Montgomery, vós jamais ergueréis uma espada contra ele.

— E que garantia tenho eu de que eles não virão atrás do meu clã?

— indagou Tavis. — É claro que eu nunca ergueria uma espada contra o homem que tem a vida da minha filha nas mãos. Mas, em troca, o que terei eu nas minhas mãos que seja dele?

O conde esfregou o queixo de forma pensativa.

— É uma boa questão e pergunto-me se Alexander terá pensado nisso. Por muito duvidosa que possa ser, talvez ele tenha pensado que o casamento bastaria para forjar uma aliança. Ele quer paz. Agora que assinámos um tratado com a Inglaterra, Alexander tem de se concentrar nos problemas internos com os chefes dos clãs insurretos. Ele precisa de aliados e os Armstrong e os Montgomery sempre foram leais à coroa, mesmo apesar de se detestarem uns aos outros.

— Eu estaria disposto a assinar um acordo com os Montgomery — disse Tavis, de uma forma hirta. Foi a coisa mais difícil que ele alguma vez dissera em toda a sua vida. Engolir o orgulho era algo doloroso, mas, pela sua filha, teria feito tudo, até mesmo rebaixar-se perante o seu inimigo. — De certeza que eles querem este casamento tanto quanto nós. É como vós dissestes: a Eveline não está apta a casar com nenhum homem. Foi por isso que o noivado com o Ian McHugh foi cancelado. O Graeme Montgomery destruí-la-ia e não consigo sequer pensar nisso.

O conde abanou a cabeça.

— Não estou aqui para negociar convosco, Tavis. É tarde de mais para se falar em acordos e paz. A guerra entre vós já dura há demasiado tempo. Alexander está ansioso por trazer a paz para as Terras Altas e esta rixa sangrenta entre os vossos clãs é uma ameaça à estabilidade que ele pretende. Posso não concordar com os métodos dele, mas ele tem o meu apoio incondicional. Ele mandou-me vir aqui para eu ser testemunha do casamento e para lhe fazer um relatório oficial assim que regressar. O meu dever é fazer cumprir as ordens dele e abençoar a cerimónia em seu nome, e ter comigo a carta com o selo real e a declaração oficial da união.

— Ela está condenada — murmurou Tavis.

— Eu penso que Graeme Montgomery é um homem bastante correto e justo — disse o conde, cuidadosamente. — Acho que não seria cruel para com a vossa filha por vingança.

Tavis nunca se sentira tão impotente em toda a sua vida. Quando ergueu o olhar, viu a sua mulher, de pé, no outro lado do salão nobre, o sofrimento dela qual ser vivo presente na sala.

Contudo, ocultou-o bem ao avançar de forma agressiva. Vestira a sua melhor roupa, em consideração pela visita do conde, e somente o olhar penetrante de Tavis conseguiu detetar a agitação que fervilhava mesmo à superfície da sua cuidadosa compostura.

Ele e o conde levantaram-se assim que Robina se aproximou.

— Minha senhora — disse o conde suavemente, erguendo a mão dela para depositar um beijo nas costas desta. — Já lá vão muitos anos desde a última vez que nos vimos e juro-vos que estais ainda mais bonita do que já éreis na altura.

Robina sorriu graciosamente, mas o gesto não se estendeu aos seus olhos.

— Sois demasiado gentil, meu senhor. Honrais-nos muito por assistirdes ao casamento da nossa filha. Espero que os vossos aposentos sejam do vosso agrado. Se precisardes de alguma coisa, por favor, dizei-me e providenciá-lo-ei de imediato.

Tavis não se apercebera de que sustivera a respiração até o seu peito começar a arder em protesto. Ele não tivera a certeza se Robina não teria enterrado um punhal no coração do conde, caso achasse que isso salvaria a filha.

Robina era uma mulher sincera, forte e disposta a tudo e ele amava-a com todo o seu coração de guerreiro. Se ela tivesse sido um homem, teria sido o mais feroz de toda a Escócia.

Muitos homens não tolerariam a rapidez com que ela dizia o que pensava ou que ela igualasse a força deles à sua. Eles queriam subjugar-lá. Torná-la fraca e destruir aquilo que fazia dela uma mulher tão especial.

Robina não era nenhuma rapariga dócil e Tavis dava graças por isso todos os dias. Ela era dele e ele não apresentaria quaisquer desculpas por ela. Ele amava-a exatamente como ela era.

Mas, depois começou a ficar preocupado. Porque Robina estava a ser demasiado simpática e demasiado amável. O sorriso dela estava a deixá-lo nervoso. Estaria ela a planejar envenenar a bebida do conde? Ou talvez o apunhalasse entre as costelas quando o acompanhasse até ao quarto dele. Qualquer uma dessas hipóteses era possível, já que Robina era feroz quando se tratava dos filhos.

— Eu indico o quarto ao conde — disse Tavis, antes que Robina se oferecesse. — Pede que lhe levem comida e bebida, para que ele possa descansar da viagem.

Antes que ele pudesse conduzir o conde na direção das escadas, um dos guardas da torre entrou abruptamente no salão nobre. Parou de repente quando viu o conde ao lado de Tavis e, logo de seguida, baixou a cabeça numa vénia respeitosa.

— Laird, chegou um mensageiro dos Montgomery com a notícia de que o chefe dele e os homens que o acompanham chegarão ao cair da noite.

Os lábios de Robina cerraram-se-lhe, mas, digna de respeito, permaneceu calada, mesmo quando as suas mãos se fecharam em punhos, ladeando o seu corpo.

O conde ergueu uma sobrancelha e observou Tavis com atenção, divertido.

— Uma pessoa até fica com a impressão de que o Graeme Montgomery está ansioso para reivindicar a noiva dele.

Tavis sentiu um nó na garganta, enojado meramente por imaginar a sua filha nas mãos dos Montgomery. Trocou um olhar de pesar com a sua mulher, porque estava a tornar-se cada vez mais óbvio que não havia muito mais a fazer, à exceção de declararem guerra e traírem o rei deles, e fazê-lo significaria a morte de todo o clã.

Seria a vida da querida filha deles ou as vidas de todos os seus parentes, cuja proteção deles dependia.

Era uma escolha que homem algum alguma vez deveria ter de fazer.

## Capítulo 5

**E**veline sentou-se no cimo da colina com vista para a parte da frente da torre de menagem e viu como a fila impressionante de soldados dos Montgomery avançava, a cavalo, na direção da ponte levadiça.

Perguntou-se se o seu pai permitiria que todos eles entrassem ou se obrigaria grande parte dos guerreiros a permanecer do lado de fora das muralhas da torre de menagem. Mas, pensando bem, era possível que Graeme Montgomery jamais concordasse em ficar na posição vulnerável de entrar no território do inimigo apenas com a proteção de alguns dos seus homens.

Examinou a parte da frente da fila, esforçando-se para conseguir ver o homem que seria o marido dela. Todos lhe pareciam enormes, com as suas variegadas armaduras, de escudos em riste, e alguns de espadas em punho.

Não se parecia nada com uma festa de casamento. Parecia um prelúdio de uma guerra.

Ela estremeceu e cingiu-se a si própria com os braços, arqueando-se ainda mais para baixo, na esperança de que ninguém a visse. A mãe dela devia andar à sua procura. Tal como os irmãos. Não fora para o seu esconderijo habitual propositadamente, porque já teriam ordenado a Brodie que a fosse buscar. Em vez disso, escolhera aquele sítio, porque lhe proporcionava uma vista do seu futuro.

Três dos homens seguiam separados da fila de cavalos, cavalgando à frente, e um deles levantou a cabeça como se estivesse a berrar para o vigia. Eveline desejou poder ouvir. Saído de um homem com uma estatura tão grande, devia ser um som impressionante. Provavelmente pregaria um grande susto a qualquer pessoa que estivesse ao alcance de o ouvir.

Alguns dos cavalos por trás do homem assustaram-se e tiveram de ser rapidamente acalmados pelos respetivos cavaleiros.

Ela apoiou o queixo nos joelhos e continuou a observar atentamente, enquanto a ponte levadiça era lentamente baixada.

O marido dela.

Ele estava ali para a levar para longe de tudo o que ela conhecia e amava. Aquele era o único sítio onde ela se sentia segura e protegida. Estimada pela sua família, acarinhada pelo seu clã.

Mas, não desejara, outrora, uma vida normal? Uma nova aventura? Não desejara ver algo fora das muralhas da sua torre de menagem? Em toda a sua vida, nunca se aventurara para lá das fronteiras dos Armstrong.

Houvera uma altura em que aceitara o seu noivado com Ian McHugh. Fora arrebatada pela excitação e sonhara com um marido, filhos e a sua própria torre de menagem para governar. Ah, ela planeara tudo. Visitas à sua família. Eles viajariam para a herdade do marido dela, para o nascimento do primeiro filho. Haveria grandes comemorações e alegria.

Mas essa fantasia depressa se evaporara no instante em que Ian lhe dera a conhecer as suas intenções. Nessa altura, os sonhos dela haviam sido substituídos por um pesadelo do qual temera nunca escapar.

Ela detestava esconder-se ali, por trás do pai e da mãe, e até mesmo dos irmãos. Permitindo que os outros pensassem que ela era inferior ao que realmente era. Mas o que ela mais detestava era ter de desistir desse sonho. E agora? Apesar de tudo o que fizera para se assegurar de que permaneceria sempre em segurança, escondida no território do seu pai, parecia que chegara o dia em que seria obrigada a aventurar-se para lá das fronteiras, numa nova vida.

Esta não fora, de todo, a forma como imaginara alargar os seus horizontes, mas não tinha outra hipótese. Não seria preferível tentar tirar o melhor partido de uma má situação?

A mãe ficara de espírito perturbado. O pai estava triste e preocupado e com um humor tão terrível que ninguém se atrevia a incomodá-lo, a não ser que se tratasse de um assunto com a mais premente importância. Até os irmãos estavam irritadiços. Era como se uma nuvem negra se tivesse abatido sobre a torre de menagem e esta estava num turbilhão desde a mensagem de que os Montgomery chegariam antes do anoitecer.

Eveline escapara despercebida, mas eles já deveriam andar à sua procura naquele preciso momento. Talvez para a esconder. Talvez para a apresentar ao homem que seria o seu marido.

Ela observara lábios suficientes para saber que, com o conde presente, qualquer ato de desobediência relacionado com o decreto real seria considerado um ato de guerra contra o rei.

Concluída a sua análise minuciosa ao clã Montgomery, deitou-se no chão e fechou os olhos por um instante sob o jorro da luz do Sol. Quando os reabriu, concentrou-se no azul do céu e nas nuvens que se deslocavam suavemente.

Ali podia evadir-se de tudo por alguns momentos, ficando rodeada pelo silêncio; no entanto, dos recantos da mente dela, conseguiu invocar a lembrança de como soava a música e, enquanto fitava a tela azul

escancarada sobre ela, quase jurou sentir música a introduzir-se pelos seus ouvidos.

— Olha para cima, para a tua direita — disse Teague, de súbito.

Ao mesmo tempo que a ponte levadiça rangia, começando lentamente a descer, Graeme virou a cabeça bruscamente e focou o olhar, ao longe, para onde Teague estava a dirigi-lo.

Quase perdia a figura franzina e depois, quando o olhar dele voltou a passar sobre ela, franziu o sobrolho e virou-se para trás, para o irmão, perguntando-se por que diabos Teague teria chamado a sua atenção para aquilo.

— Aquilo é uma pessoa? — indagou Teague. — O que está a fazer sozinha ali em cima na colina?

— Estás com medo que ela desça e te atire do cavalo abaixo? — perguntou Bowen de modo lento e arrastado.

— Ela? — disse Teague, incrédulo.

— É uma rapariga — disse Bowen, acenando positivamente com a cabeça na direção do borrão amarelado ao longe.

Graeme voltou a endireitar-se para a frente.

— Como é que consegues ver isso a esta distância?

Bowen dirigiu um olhar trocista a ambos e depois abanou a cabeça, com desalento.

— Achem que algum homem andaria por aí de vestido amarelo?

Teague ergueu a sobrancelha.

— Quer dizer, são os Armstrong, por isso suponho que tudo seja possível.

Os homens em torno deles riram-se e, logo de seguida, a ponte levadiça bateu no chão com uma pancada surda, levantando pó à volta dos cavalos. Quando Graeme voltou a olhar para o cimo da colina, já não viu a rapariga. Como é que ela desaparecera tão depressa?

Incitou o cavalo para que avançasse, concentrando a sua atenção adiante, pronto para o confronto iminente. Era verdade que ele preferia enfrentar uma batalha com menos homens, de três para um, do que ter de entrar submissamente na torre de menagem dos Armstrong e unir-se a esse clã através do casamento.

Isso deixava-o aterrorizado a todos os níveis. O pai dele estaria às voltas no túmulo. Era um dia negro para os Montgomery de toda a parte e seria um dia da história deles que recordariam por muito tempo. Se ele pudesse, dali em diante aquele acontecimento seria suprimido de qualquer relato oral ou escrito.

É claro que ele não conseguiria fazer algo tão permanente tendo uma mulher. Por mais tentador que pudesse ser.

Entrou a cavalo no pátio e viu Tavis Armstrong ao lado do Conde de Dunbar. Graeme não ficou surpreso por ver o braço-direito do rei ali, apesar de, honestamente, estar à espera que o próprio rei assistisse ao acontecimento, já que este era tão importante para ele.

Graeme obrigou o cavalo a abrandar e permaneceu sentado sobre este, olhando fixamente para baixo, para o chefe do clã Armstrong. Tavis também o fitou e, logo depois, apareceram os seus dois filhos, apesar de Graeme não saber qual era qual. Da última vez que se defrontara com as crias Armstrong, despedira-se deles sem cerimónias depois de um breve confronto na zona morta — a pequena porção de terreno entre as fronteiras dos Montgomery e dos Armstrong. Pertencia aos McAlpin, mas há muito que estes a haviam abandonado devido à proximidade com os clãs em conflito. Era uma lasca minúscula de terra, uma mera migalha das terras que lhe pertenciam, e ficar pelo Sul e longe da contenda não era nada de especial.

Tavis foi quem pestanejou primeiro. Algo que deu grande satisfação a Graeme. Ele aceitaria uma vitória, por mais insignificante que fosse. Podia haver sido obrigado a arriscar-se submissamente para as terras dos Armstrong, mas de certeza absoluta que não permitiria que nenhum Armstrong o intimidasse.

Tavis deu um passo em frente, pigarreou e disse:

— Bem-vindo à nossa torre de menagem, Laird Montgomery. Vós e os vossos irmãos sois bem-vindos a entrar. Os vossos homens ficarão instalados no perímetro exterior, onde foram montadas tendas para eles. Será fornecida comida e bebida para todos.

Graeme não falou durante um instante. Depois olhou de relance para os irmãos e fez sinal para desmontarem. Graeme balançou-se por cima do seu cavalo, saltando para o chão.

Tavis fez um gesto a vários dos seus homens para que levassem os cavalos e os abrigassem nos estábulos.

E ali ficaram. Guerreiros Montgomery cara a cara com guerreiros Armstrong. Estavam peçados de aversão. Os Armstrong pareciam ter acabado de acolher o demónio no santuário deles e, bem, talvez até tivessem.

Nunca se conseguira fazer nada daquele género em toda a história dos seus clãs. Nunca haviam estado tão perto uns dos outros sem espadas desembainhadas e sangue derramado. Graeme sentia comichão na mão de tanta vontade que tinha de pegar na espada e sentia a garganta sob pressão devido à vontade de berrar um grito de guerra.

— Não estou a gostar disto — disse Tavis baixinho, com um tom de voz



firme e frio. — Deus é minha testemunha em como não concordo absolutamente nada com esta loucura.

Graeme anuiu, apreciando a franqueza do homem mais velho, e foi tão sincero quanto ele, quando falou.

— Gosto tanto disto quanto vós.

— Vós não sacrificais nada — disse Tavis por entre dentes. — Não há nada que possa desagradar-vos. Partireis com a minha filha sem terdes de dar nada em troca.

Graeme ergueu uma sobrancelha assim que sentiu uma fúria repentina na nuca, que se apoderou da parte de trás do seu crânio. Teve de lutar para não perder a calma. Precisou de todas as suas forças para não atacar o outro homem. A única coisa que conseguia ver era o rosto e o olhar do seu pai sobre o homem cujo pai era responsável pelo assassinato dele.

— Achais que não sacrifico? Vou ficar preso a uma mulher deficiente, uma mulher que jamais me dará herdeiros. Sacrifico muito. Sacrifico tudo.

— Ela não é deficiente! — berrou um dos filhos de Armstrong enquanto saltava para a frente.

Em menos de um segundo, Teague e Bowen desembainharam as espadas e colocaram-se à frente de Graeme para evitarem um ataque. Tinham os braços a tremer e Graeme sabia o quanto lhes custava não poderem simplesmente trespassar os Armstrong ali mesmo.

Toda aquela situação tinha potencial para explodir sem qualquer aviso. Ambas as partes estavam demasiado ávidas por fazer derramar o sangue uma da outra.

— Basta! — vociferou rapidamente o Conde de Dunbar. — O rei ficaria extremamente descontente. Ele deseja paz e é paz que ele terá. Assim que este casamento tiver sido realizado, os dois clãs farão um juramento e será assinado um acordo com sangue. Qualquer violação do acordo será vista como um ato de traição contra a coroa. As vossas terras serão confiscadas e vós ficareis marcados como criminosos e sereis procurados como tal.

— Brodie, afasta-te — disse Tavis ao filho que berrara de raiva. — Aiden, guarda a espada.

Brodie lançou um olhar furioso a Graeme, como se a única coisa que quisesse no mundo fosse trespassar Graeme com a sua espada ali e agora. Graeme dirigiu-lhe um sorriso pretensioso que dizia claramente: «Experimental!»

— Ela vale dez de ti — disse Brodie por entre dentes, ao recuar.

Tanto ele como Teague voltaram a embainhar as espadas, mas ambos mantiveram as mãos sobre os punhos.

Tavis levantou a mão, parecendo subitamente cansado, com rugas a sulcar-lhe a testa. Parecia um homem que travara uma guerra com o pró-

prio Diabo. Graeme era incapaz de sentir qualquer compaixão. Não quando o pai daquele homem assassinara o pai de Graeme. Não quando o clã dele perdera tanto ao longo dos anos a favor dos Armstrong.

— Entrem — disse Tavis, com um tom que transmitiu toda a relutância de fazer o convite. — A senhora minha mulher providenciará comida e bebida para repousardes depois da vossa viagem.

— Com certeza, e eu gostaria de conhecer a minha futura noiva — disse Graeme, com um tom de voz trocista.

Os lábios de Brodie voltaram a contorcer-se de irritação, mas Tavis silenciou-o, lançando-lhe um olhar breve. Gesticulou na direção de Graeme e dos seus irmãos e eles entraram na torre de menagem, ficando o conde entre os dois grupos à medida que desfilavam para o interior do salão nobre.

Uma mulher pequena levantou-se da sua cadeira junto à lareira e pôs a sua costura de lado. Era óbvio que aquela devia ser a mulher de Tavis, apesar de não parecer ser uma mulher com uma idade significativa.

O rosto dela foi devorado pelo medo, mesmo apesar de haver tentado corajosamente ocultá-lo, o que deixou Graeme enojado, pois este jamais ergueria uma mão para fazer mal a uma mulher. Não obstante ser a mulher do seu inimigo, merecia o respeito e cortesia devidos ao estatuto dela.

Ele avançou, na esperança de que ela não se virasse e desatasse a correr, aos gritos, para fora da sala, mas ela manteve-se firme e olhou-o nos olhos sem hesitar.

— Minha senhora — cumprimentou, fazendo uma grande vénia.

Quando ele levantou a cabeça e lhe pegou na mão, ela permitiu que ele o fizesse. Levou as costas da mão dela aos lábios, roçando-os nelas muito ao de leve, num gesto de respeito.

— Vós sois Graeme Montgomery — disse ela com uma voz tensa.

— Sou — respondeu solenemente. — E vós sois a senhora Armstrong.

— Robina — corrigiu. — No fim de contas, seremos família — gaguejou, parecendo indisposta ao dizer as palavras.

Muito honestamente, ele sentiu-se igualmente indisposto ao ouvi-las. Família? Nunca.

— Robina, então.

Virou-se para os seus irmãos.

— Estes são os meus irmãos, Bowen e Teague.

— Também tendes uma irmã, não é verdade? — interrogou Robina.

A expressão de Graeme endureceu.

— Jamais a traria para aqui. Ela está em casa e bem protegida. Ainda é nova e não a exporia a uma situação potencialmente hostil.

— E, no entanto, eu sou obrigada a enviar a minha filha para o seio do nosso inimigo — disse Robina quase num sussurro.

— Minha senhora, eu não travo guerras contra mulheres. A vossa filha não morrerá pelas minhas mãos, nem pela mão de nenhum dos membros do meu clã. Como mulher do laird, ser-lhe-ão concedidas todas as cortesias devidas ao seu estatuto.

Robina não pareceu animada pela promessa dele. Parecia querer chorar.

Graeme virou-se, examinando o salão praticamente vazio. Era como se todos os Armstrong tivessem saído antes da chegada dos Montgomery. Só ali estavam ele e os seus irmãos, o conde e Tavis e a mulher e os filhos do laird.

Concentrou-se, então, em Tavis, porque não queria mesmo perturbar a mulher do laird ainda mais do que ela já estava. Ela não tinha qualquer culpa pelos pecados do seu marido e do povo dele.

— Gostaria de ver a mulher com quem está previsto casar-me. Gostaria de a conhecer antes de nos casarmos.

— Laird Montgomery — interpôs Robina de forma abrupta, chamando a atenção dele de volta para ela. A sua expressão era de súplica. — Por favor, posso falar-vos com toda a franqueza sobre a minha filha antes de tentardes tê-la na vossa presença?

— Dizei o que pensais, minha senhora. Não me sentirei ofendido, se não for essa a vossa intenção.

— Ninguém vos falou sobre ela?

— Ele chamou-lhe deficiente — rosnou Brodie do outro lado da sala.

Robina ficou pálida, apesar de Graeme não ser capaz de discernir se se deveu a raiva ou nervosismo.

— Ouvi dizer que ela é adoentada — respondeu Graeme, esforçando-se por ser delicado.

— Diz a verdade — precipitou-se Teague. — Toda a gente sabe que a rapariga é doida e não pode dar-te herdeiros. Realizar-se este casamento é uma loucura. Não vai resolver nada.

Naquele momento, Graeme acreditou verdadeiramente que, se Robina estivesse armada, teria tentado matar o irmão mais novo dele. Colocou-se automaticamente entre ela e Teague para evitar qualquer tipo de confronto.

Brodie começou a discutir ruidosamente, enquanto Tavis se virava para Teague. O salão entrou numa erupção de gritos e foram disparados insultos. Só a presença do conde impediu o derramamento de sangue.

— Basta! — bramiu o conde. — Saiam do salão! — Apontou para os filhos de Armstrong e depois para os irmãos de Graeme. — Fora! Deixem-nos conversar sobre o assunto que têm em mãos.

— Não vou deixar o meu irmão para ser assassinado neste ninho de víboras — rosnou Bowen.

Graeme ergueu a mão.

— Estou bem protegido, Bowen. Sai. Vai ver como estão os homens e se está tudo como devia estar. Quanto mais depressa acabarmos com isto, mais depressa podemos voltar para as nossas próprias terras.

Contra vontade, os seus irmãos e os jovens Armstrong saíram. Depois, Graeme voltou a virar-se para Robina.

— Agora, minha senhora, dizei o que pensais. Estou a ficar impaciente.

Tavis aproximou-se para se colocar ao lado da mulher, quase como que desafiando Graeme a faltar ao respeito a Robina, quer com palavras, quer com olhares.

— A Eveline é diferente. Não é doida. É a mais pura verdade, não compreendo perfeitamente qual a profundidade do que a atacou. Quando ela era mais nova, há três anos, caiu do cavalo para uma ravina e ficou lá durante três dias até a conseguirmos encontrar.

Graeme franziu o sobrolho.

— Estais a dizer que ela não nasceu assim? Que seja lá o que for que ela tem se deve a uma lesão?

— Sim. Quero dizer, não. Ela não nasceu assim. Nunca houve criança mais encantadora que ela. Inteligente. Perspicaz. Cheia de vida e de alegria. Ela teria sido uma mulher por quem qualquer homem lutaria. Mas ficou doente durante algum tempo depois de ter caído. E, depois disso, nunca mais foi a mesma. Ela não fala. Nunca mais falou desde que acordou do sono profundo de mais de quinze dias.

— É só isso? Ela não fala? Alguns maridos dariam graças por tal dádiva.

Robina abanou a cabeça.

— Estou a tentar dizer-vos que ela não será uma mulher adequada para vós. Não podeis tratá-la como trataríeis qualquer outra mulher. Por favor, se tendes alguma misericórdia, tratá-la-eis gentilmente e deixá-la-eis em paz. Ela não merece ser castigada pelo que foi forjado pelo povo dela.

O corpo dele estava a começar a ser percorrido por uma sensação de formigueiro de baixo até à nuca, até ficar com o maxilar tenso.

— Não travo guerras contra mulheres e inocentes — rugiu ele. — Não volto a repetir-me.

— Por tudo o que é mais sagrado, Montgomery, se acontecer algum mal à minha filha enquanto ela estiver ao vosso cuidado, não haverá buraco onde podereis esconder-vos — disse Tavis por entre dentes. — Irei atrás de vós com todas as minhas forças e as de todos os meus e com todos os meus aliados.

— Pensaria ainda pior de vós do que já penso, se não o fizésseis — disse Graeme bruscamente. — Agora, chega desta tagarelice infinita. Tenho tanta vontade de casar com uma criança que não consegue controlar totalmente as suas capacidades, quanto vós tendes de ver a vossa filha casar-se comigo. Mas nenhum de nós tem outra hipótese. É melhor avançarmos com isto antes que sejam ditas e feitas coisas que depois não possam ser desditas nem desfeitas.

— Nesse aspeto estamos todos de acordo — disse o conde a alguns passos de distância. — Já manifestastes a vossa posição, Tavis. Não há mais nada a dizer. Ide buscar a vossa filha para que o Graeme possa conhecer a noiva dele.